



BOLETIM

CEAPIA 2024



Ano XXVIII · Número 34 · Setembro 2024

Direção 2024–2025

Presidente

Luciana Gouvêa Oliveira

Vice-presidente

Luciana Wagner Grillo

Secretária

Fernanda Marinho Matte

Diretora Administrativa

Daniela Posebon Cansi

Codiretora Administrativa

Aline Loureiro Bruschi

Diretor de Ensino

Philip Camara Brew

Codiretora de Ensino

Renata Pechansky Axelrud

Comissão de Ensino

Anelise Mariath Rechia, Andrea Zelmanowicz, Magali Fisher, Philip Camara Brew e Renata Pechansky Axelrud

Comissão de Currículo

Alice Milman Bugin, Ester Litvin, Lígia Baseggio Arcoverde e Norma Escosteguy

Diretora de Atendimento

Gabriela Souza da Luz Bortoluzzi

Codiretora de Atendimento

Marília Bordin Schmidt

Diretora Científica

Giuliana Chiapin

Codiretora Científica

Julia Costa Foster

Comissão Científica

Alberto Kerber, Eduarda Berao, Inta Muller, Joana Zuanazzi, Juliana Merello, Laura Sprinz, Maria Eduarda Pacheco Pires, Patricia Cohn, Roberta Iankilevich Golbert

Diretora de Pesquisa

Luísa Feijó Pinheiro Mello

Codiretora de Pesquisa

Helena Riter

Comissão de Pesquisa

Ana Paula Krolow, Betina Strassburger, Mariana Wiehe, Roberta Golbert e Thais Corrêa

Diretora de Divulgação

Maria Luíza Goulart Piccinini

Codiretora de Divulgação

Ana Carolina Mello Pechansky

Comissão de Divulgação

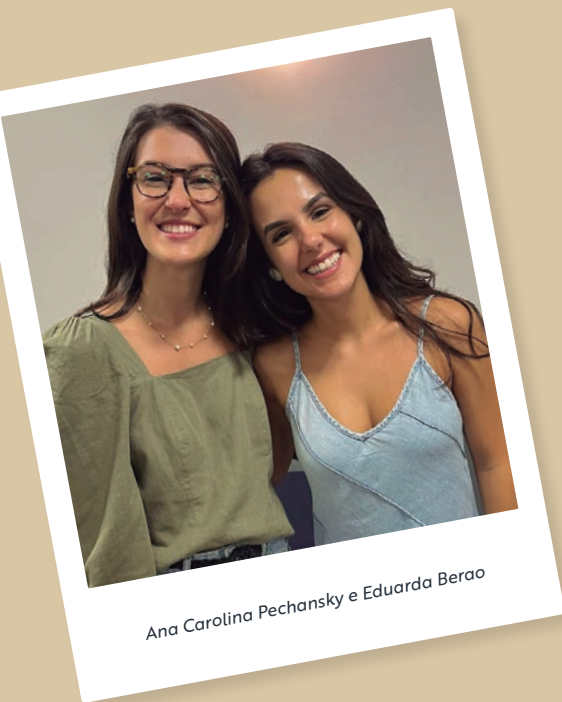
Betina Strassburger, Gabriela Matas, Juliana Merello e Sabrina Hoppe

Editor Revista Publicação CEAPIA

Bruno Fagundes Sperb

Comissão da Revista

Ana Paula Krolow, Cristina Horta e Roberta Machermer



Ana Carolina Pechansky e Eduarda Berao

Acreditamos na potência das palavras que, quando sentidas e compartilhadas, podem gerar novos significados.

Queridos leitores,

A primeira ideia para esta edição do Boletim, nossa inaugural enquanto coordenadoras, acompanhadas de uma competente comissão (composta por Alessandra Fante, Alice Scorza, Bibiana Vencato, José Arnold, Luísa Steiger e Marina Friedrich), foi a de usarmos o espaço que nos cabe para retomarmos a história deste meio de comunicação, que é, sobretudo, um registro documental e histórico das vivências e transformações do CEAPIA ao longo dos anos. Essa ideia veio da esperança em manter o Boletim vivo, contemplando as adaptações necessárias para seguir com propósito com o passar do tempo.

A esperança, tão cara em nosso trabalho, também surgiu como temática para a nossa Jornada Anual. Tornou-se então o fio condutor desta edição, trazendo consigo possibilidades de renovação e de criação. Sem ela, acreditamos não ser possível contribuir para uma Instituição integrada, consistente, criativa e transformadora. Ela enlaça e constrói pontes entre o passado, o presente e o futuro, e se fez ainda mais necessária quando vimo-nos inundados, psíquica e concretamente, pelas devastadoras enchentes que assolaram o nosso estado no mês de maio.

Em um primeiro momento, a desolação tomou conta. Como escrever em meio à tanta tristeza? Como pensar em seguir com as nossas atividades em meio à tanta dor? Contudo, não seria justamente esse um dos caminhos possíveis para mantermos a esperança viva?

Tendo já realizado os convites para a escrita do Boletim, nos vimos motivadas a instigar os membros do CEAPIA a ampliar sua escrita para contemplar a temática das enchentes e, assim, recuperar o que há de mais difícil e bonito em nossa profissão: tentar dar forma ao indizível, para que ele passe a ter um sentido.

Desejamos uma boa leitura a todos!

SUMÁRIO

- 02** Palavra da Presidente
- 02** Marcas da catástrofe
- 09** Por que a esperança?
- 10** Projeto Bantu: diversidade, equidade e inclusão
- 12** Trauma: um (E)estado que transborda
- 12** Recomeços
- 13** Para agora: reconstrução. Para isso: esperança
- 14** A busca por atendimento: uma pulsão de esperança
- 14** Esperando as Esperanças
- 15** Início da vida e novo curso: a beleza dos começos!
- 16** Quando nasce um bebê, nasce uma esperança
- 16** Adoção, enchente & esperança
- 17** Ambientoterapia: Ressignificando esperanças
- 17** Um olhar sobre a esperança de uma terapeuta da comunicação
- 18** A esperança num futuro melhor!
- 19** A construção de espaços terapêuticos além da terapia familiar
- 19** Acolhimento nos transtornos alimentares
- 20** A esperança na avaliação psicológica
- 20** A psicopedagogia e a esperança: um caminho para o futuro
- 21** Atos de esperança
- 21** Sustentando ancoragens diante do desamparo: a pesquisa como ferramenta de esperança na clínica
- 22** Reflexos possíveis na Revista para 2024
- 22** A escrita de um encontro: Trabalho Destaque da Jornada Interna 2023
- 23** Palavras escritas
- 23** Palavras cantadas
- 24** Organograma

Palavra da Presidente

Sou membro do nosso querido CEAPIA há mais de 20 anos, e hoje estar na posição de presidência é motivo de grande honra! Ao formar nossa gestão atual, a cada "aceite", mais motivos para me orgulhar desta trajetória! Nossa diretoria, logo de início, entre muitas demandas, pensava no tema da nossa Jornada Anual. Com este tema da ESPERANÇA, somado a como carinhosamente passamos a ser referidas pela equipe e pelos ceapianos, as "lu-zes", eu e Luciana Grillo (vice-presidente) começamos a dar contornos do que seria a nova gestão. Além disso, creio que, como toda nova gestão, tínhamos um desejo de manutenção do que já é tão consistente e rico na nossa Instituição, tentando fazer um trabalho que trouxesse ainda mais crescimento ao CEAPIA.

Em maio, a realidade nos apresentou uma situação sem precedentes. Sofremos em nosso estado uma catástrofe climática com proporções inomináveis.

Todo esse contexto, somado à realidade, me faz recorrer à teoria bioniana sobre o conceito do "terror sem nome". Na busca por palavras, em meio a tantos elementos beta que nos atravessaram, seguíamos tentando nos manter exercendo, em equipe, uma função alfa, buscando revê-

ries que pudessem se transformar em um conceito/palavra/significado e entendimento diante de tudo que nos inundava.

Então, penso que, além dos objetivos iniciais que se mantêm neste primeiro ano, iremos viver em "dois" tempos. Lidando com uma catástrofe externa e dando seguimento/continuidade necessária à Instituição. Mesmo não negando a realidade, seguimos firmes, talvez temporariamente mais frágeis, buscando e ampliando nosso propósito de levar a saúde mental às nossas crianças e adolescentes e suas famílias, bem como ensino, pesquisa e colegas.

*Luciana Gouvêa Oliveira
(Presidente do CEAPIA)*

Marcas da catástrofe

Era início dos anos 2000. Meus pais colocavam pra gente ouvir no carro o CD "Porto Alegre é demais!". Eu devia ter mais ou menos uns sete anos quando já tinha decorado músicas como *Horizontes*, do Victor Hugo e *Deu Pra Ti*, do Kleiton e Kledir. A minha preferida, com certeza, era a que deu o nome ao disco: *Porto Alegre é demais!*, da Isabela Fogaça. Eu lembro nitidamente desses momentos no carro: no caminho pra escola, pra Redenção ou pra comer um churrasco em algum lugar. Admirava a cidade pela janela e cantava, cheia de empolgação. Um salto no tempo e estamos em maio de 2024. O verso de Victor Hugo que diz "há muito tempo que ando nas ruas de um Porto não muito Alegre" não sai da minha

cabeça. Muito tempo. Dias que parecem anos. Se arrastam pra passar. Escutar as músicas que alegraram as andanças de carro quando eu era pequena hoje me causam um aperto no peito. Assim como o barulho da chuva: antes sinônimo de conforto; hoje, de angústia. Ouvindo essas músicas, hoje sou ora tomada por tristeza, ora por esperança. O que não muda são as lágrimas que transbordam dos meus olhos. Minha cidade devastada. Meu estado devastado. Ninguém solta a mão de ninguém – literal e simbolicamente. Mãos foram estendidas por gente comum. A maior corrente de solidariedade e humanidade que eu já vi e vivi. Aqui, bem pertinho de mim, não teve quem não doou a quem perdeu tudo: doou roupa, doou

alimento, doou colchão, doou dinheiro, doou sangue, doou tempo, doou energia. E por todos os cantos do Brasil e do mundo, brasileiros uniram forças recolhendo doações e enviaram caminhões e aviões ao nosso estado. Nossos recursos básicos, como água, se esgotaram, mas em pouco tempo estávamos sendo abastecidos pelos outros estados. De água sim, mas mais ainda de esperança. Como não se inundar de esperança? Gente sendo abrigo de gente (e de bicho, afinal, todas as vidas importam). O sol volta a aparecer e mantém aceso o raio de esperança. Esperança na reconstrução de todas as vidas atingidas e de um Porto Alegre.

Maria Luiza Piccinini

UM CENÁRIO DEVASTA(DOR)

Na primeira semana, a dor de não conseguir dormir, frente à sensação de medo constante. A dor nos pés de andar na água e nos ombros por carregar muito peso, na tentativa de, minimamente, salvar o que ainda era possível de ser salvo. A dor de ver o choro e o desespero no semblante de familiares. A dor da angústia e da incerteza. A dor de precisar tomar uma decisão: ficar ou sair? A dor de deixar tudo para trás, reunir algumas malas e se afastar de casa, deixando-a à margem da própria sorte, torcendo para que nela não chegasse a força da água. A dor de abandonar um lugar que lhe é tão querido e migrar para o desconhecido, na ausência do lar e suas referências. A dor de estar longe, de não ter notícias e ficar imaginando se as memórias concretas ainda se encontravam preservadas, ou se já haviam sido levadas. Durante quase quinze dias, a dor de ter perdido a rotina, de sentir-se imerso na catástrofe que cada vez apresentava uma dimensão ainda maior. Na quarta semana, a dor de voltar e andar pelo bairro que já não podia mais ser reconhecido, assim como o rosto dos vizinhos, que denunciava tristeza, exaustão e desesperança. A dor de encontrar o mercado que frequentava desde a infância totalmente submerso e as ruas pelas quais andava de bicicleta totalmente destruídas. Ainda na quarta semana, a dor nos braços e nas pernas de tanto colocar nas costas e pegar no colo os pequenos do abrigo, que pediam constantemente por acolhimento e afeto. Abraços apertados, repletos de dor e amor, onde se evidenciava a necessidade de um olhar e de uma companhia viva. A dor de sen-

tir-se impotente e insuficiente, afinal, no meio desta imensidão, como não se sentir tão pequeno? A dor de esfregar e limpar a estrutura das casas e dos móveis de conhecidos e familiares e de compreender que as marcas que ficam em nós, diante de tamanho sofrimento, não irão embora, diferentemente das marcas das paredes que podem, com o tempo, desaparecer. Uma dor que lateja, no corpo e na dimensão psíquica, que permanece conosco, precisa ser acolhida, acomodada e, de alguma maneira, elaborada. Dores imensuráveis, dores que inundam. E o que fazer com elas? Acolher o inevitável desamparo talvez seja uma alternativa, de preferência junto ao coletivo, a fim de restituir e conceder o mínimo de dignidade a experiências de perdas tão impensáveis e muitas ainda sem representação pela palavra. Diferentemente da água, a qual se espera ansiosamente que vá escoando, a vivência deste cenário tão desolador talvez ainda vá precisar de muito tempo e muita escuta, para se tornar viável a possibilidade de escoamento dos excessos que nos inundaram. Que possamos esperar que esse tempo chegue para cada um de nós, que as dores possam continuar sendo sentidas e não silenciadas. Que haja o reconhecimento daquilo que é irreparável e que novos caminhos possam ser construídos, ou reconstruídos, perante o cuidado conosco e com o outro, na esperança de que na coletividade, e na potência dos vínculos, possamos compartilhar essas dores que nos atravessam e torná-las menos devastadoras.

Jayne Silva Leiria

**Humana que é, a terra sente, chora,
inunda de lágrimas na esperança de ser
vista, reconhecida, na dor e no amor.
Fio, por vezes invisível, que sustenta,
enlaça e, se rompido, desgraça.**

Eduarda Berao

TRANSBORDANDO

Que pássaros são estes
Que habitam o céu
Neste mês de maio?

Acordo e ouço o som de suas hélices
Cortando o vento
Rompendo a chuva

Me espanto
Com a sua proximidade
Me angustia
A sua presença

Estão sobrevoando
O nosso território
Do alto
Avistam as águas

Choro
Sofro

Torço que cheguem a tempo
Que resgatem pessoas, animais
Mulheres, homens
Bebês e crianças

Desejo que os pássaros de ferro
Com seus bicos certos
Tirem toda esta gente de seus ninhos
alagados

Que os levem
Aos abrigos
Ninhos solidários
E que o acolhimento
Tenha gosto de esperança.

Adriana D. Ribas

Entramos para o grupo das regiões com desastres naturais de grandes proporções, pois os de pequenas e médias já sofremos há muito tempo. Usando o tema da Jornada, "espero" que essa tragédia traga grandes transformações em nossas mentes em relação a estarmos mais preparados para agir diante desses fenômenos, assim como que os governos deixem nossas cidades mais preparadas para que não ocorra tanta destruição.

Viviane Botelho Amaro da Silveira

"SIGA A ESTRADA DE TIJOLOS AMARELOS..."

A alusão ao clássico filme *Mágico de Oz* no título desta breve reflexão tem a ver com esperança! Entre tantos outros aspectos da narrativa, a capacidade da personagem principal de manter-se em movimento de modo resiliente, frente a tantas ameaças e vivências traumáticas, é inspiradora.

Para quem não conhece a história, a protagonista Dorothy perde a casa, a família, a referência do lugar em que vive, o Kansas, e é levada dentro de um ciclone com seu cachorrinho Totó para muito longe. Ao chegar ao país dos Munchkins, se depara com um lugar exuberante, mas totalmente desconhecido. É recebida pela Bruxa Boa do Norte, que a acolhe e a situa no tempo e espaço. Descobre, então, que havia matado a Bruxa Malvada do Leste ao ter sua casa caído em cima dela, sendo, a partir daí, considerada salvadora de todos daquele lugar. Recebe o par dos sapatos mágicos que eram da bruxa má e fica assegurada de proteção enquanto os mantivesse em seus pés. No entanto, mesmo estando em um lugar tão belo, seu desejo é de retornar ao Kansas, o seu verdadeiro lar. Se passam muitas aventuras no trajeto da estrada dos tijolos amarelos, até a menina conseguir retornar. Os amigos que conquista pelo caminho, Espantalho, Homem de Lata e Leão, permanecem unidos a ela. Juntos, derrotam a Bruxa Má do Oeste (irmã daquela que Dorothy havia aniquilado), e descobrem que a forma de voltar ao Kansas não se dá pelos poderes do Mágico de Oz que habita na cidade das Esmeraldas (que, supostamente, saberia como levá-la para casa), e sim pelo próprio desejo e confiança de Dorothy em seguir

em frente, apoiada pela presença constante e esperançosa dos três amigos.

Como nada é por acaso, tal história passou a ser contada a pedido dos meus filhos na hora de dormir nas últimas semanas. A história contada "de boca", ou seja, narrada por mim, vinha com adaptações, incluindo novos personagens que substituíam a protagonista e seus amigos. No roteiro proposto pelos meus filhos, era a nossa família que estava perdida após um "terrível ciclone vindo do Norte" ter atingido e levado nossa casa pelos ares.

Ao escutar a narrativa por várias noites seguidas, num determinado momento, meu filho mais velho espontaneamente exclama: "Mamãe, essa história é a nossa agora... Queremos voltar para casa, mas não estamos conseguindo". Naquele momento se acendeu uma luz dentro de mim! Abracei-o e confirmei sua perspectiva... A história do Mágico de Oz era a nossa e de muitos gaúchos. Frente ao caos instalado nas últimas semanas no nosso estado, a tantas perdas e dores inomináveis, uma pontinha de esperança emerge ali. Contar e recontar essa história, criar tantas outras novas com desfechos que alimentem os sonhos de um povo não é apenas necessário, mas absolutamente imprescindível na busca do lar de cada um de nós. Não somos os mesmos depois de tudo, somos um pouco Dorothy, um pouco Leão, Espantalho e Homem de Lata... Somos muitos com o potente desejo de reconstrução do nosso Rio Grande do Sul... Sigamos juntos na estrada de tijolos amarelos!

Luciana Grillo

Esta é a rua da minha infância e a casa em que cresci. Foram mais de sessenta anos que meus pais ali viveram, a uma quadra do centro da cidade de Lajeado.



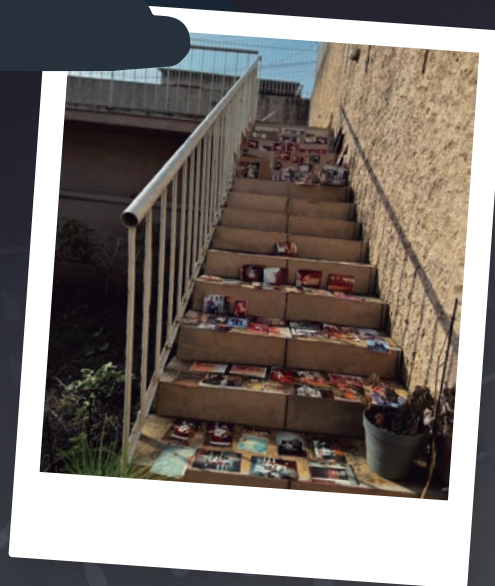
Por mais que houvesse enchentes todos os anos no parque da rua de baixo, nunca havia entrado na nossa casa. Para nós, crianças sonhadoras e curiosas, passear de canoa por entre as árvores era um sonho! O cenário, o que víamos nas árvores, os mistérios da água que subia e descia... sem falar nas ajudas constantes de quem precisava. Alguns moradores insistiam em ali morar e isso era uma incógnita para nossas mentes infantis. A grande enchente de 41 esteve sempre nas histórias dos mais velhos. Nossa casa ainda não existia e era improvável que algo assim se repetisse. Nas rodas de família esta tragédia era única, e assim era contada e imaginada. O supermercado 41, do outro lado da rua central, lembrava a todos até onde a água havia chegado. Quase impossível de visualizar a catástrofe daquele tempo. "Até ali a enchente havia chegado, não se esqueçam disto!!" Meu pai já

faleceu e minha mãe já não mora mais ali. Nossas memórias concretas estão conosco... Fomos esvaziando a casa aos poucos para não doer tanto. Mas a casa da infância foi inundada, lavada, ocupada pela lama em setembro, outubro e novembro de 2023. Foi um aviso não compreendido. Quando lá fomos, vi a sala, meu quarto, a cozinha, o corredor, que parecia tão longo... Vi minha mãe concentrada no tricô e meu pai lendo jornal. Me vi brincando com as Susis e jantando em família, apesar de todo barro. As memórias não têm ordem nem acaso. Elas surgem... Em maio deste ano, a enchente cobriu a casa. Foi maior que a de 41. A quarta enchente na cidade. Foi preciso chegar a Porto Alegre para haver uma mobilização maior. A ajuda prometida em setembro ainda não chegou. Bilhões são remédios necessários... apenas...

Inta Muller

Essa imagem representa as memórias de quem perdeu a casa, mas pode se fortalecer com os registros que se salvaram.

Bibiana Vencato



Aqui na Região do Vale do Taquari, cidade de Lajeado, realizamos trabalhos voluntários na enchente do ano passado e nesse mês de maio/2024 também. Nosso trabalho é de acolhimento às famílias atingidas pelas enchentes, que estão em abrigos. Realizamos entrevistas-padrão, em duplas de colegas, orientadas pelo Grupo de Apoio Psicossocial (GAP). As pessoas estão muito fragilizadas, pois, novamente, "perderam tudo". Às vezes, querem apenas contar sua história, receber um abraço e uma palavra de esperança.

Neste ano, também trabalhamos junto ao IGP (Instituto Geral de Perícias), no IML (Instituto Médico-Legal), acolhendo a dor das famílias enlutadas, realizando entrevistas, procurando o maior número de características da pessoa desaparecida (tatuagens, cicatrizes, piercings, etc), colaborando com os peritos a identificarem as vítimas e a família poder realizar o ritual de despedida e elaboração do luto. Foi um trabalho muito difícil, mas muito importante para os familiares, pois o fato de não saber onde está seu ente querido era desesperador.

Teremos muito trabalho ainda pela frente. Nosso grupo se preocupa também com o nosso autocuidado. Realizamos reuniões, estudos e encontros. Um dos nossos lemas é: "Dor não se compara. Dor se ampara".

Deise Lopes Craide

A GRANDE ENCHENTE

Mario Quintana

Cadáveres de Ofélias e cadelas mortas virão parar por um instante às nossas portas.

Porém – sempre à mercê dos redemoinhos – prosseguirão depois seus incertos caminhos...

Quando a água alcançar as mais altas janelas eu pintarei rosas de fogo em nossas faces amarelas.

Que importa o que há de vir? Tudo é poupado aos loucos e os loucos tudo se permitem. Vamos!

Espíritos de deuses, sobre as águas pairamos. Alguns de nós dizem que apenas somos nuvens... Outros, uns poucos, dizem que somos nada mais que mortos...

Mas não avisto, lá embaixo, os nossos próprios defuntos... E em vão, também, olho em redor...

Onde é que estão vocês, amigos, amigas, dos primeiros e dos últimos dias?

É preciso, é preciso, é preciso continuarmos juntos!

E, então, num último, e diluído, e triste pensamento eu sinto que o meu grito é só a voz do vento...

Alessandra Fante

O impacto do que vivemos com a enchente ocorrida em maio de 2024 ecoou intensamente em

cada um, evocando sua própria história. Para mim, além do terrífico de viver o desespero da população que tentava sobreviver e outros que tentavam salvar, me vi como se estivesse na Segunda Guerra Mundial. Depois de tentar ajudar o que foi possível com doações e acompanhamento na primeira semana, eu, meu esposo e filhos arrumamos nossas coisas para ir para a praia. Estávamos sem água, totalmente, e foi um modo sobrevivência... Mas, enquanto pegamos estrada, eu chorei quase toda a viagem, e a sensação era que estava vivendo como meus ancestrais que fugiram da Alemanha na perseguição nazista. Me senti triste, desamparada e culpada por estar "abandonando" o front. Parecia uma revivência interna do já vivido não conhecido. Muita dor, revoltada, desespero e sensação de impotência.

Anônimo

PORTO ALEGRE A DISTÂNCIA

Sempre fui daquelas que cantava com emoção a música *Porto Alegre é demais* que sabia que Porto Alegre me faz tão sentimental e que "a saudade é demais": eu me empolgava no ritmo e me sentia muito porto-alegrense. Morar em um estado no qual não havia um contexto de "bergas" no sol e roda de chimarrão me causava estranhamento, mas as tradições gaúchas estavam comigo onde eu fosse. Dia 1º de maio: a cidade em que moro vivia um momento de euforia, o show da Madonna na praia de Copacabana. No mesmo dia, me deparo com notícias sobre uma catástrofe de proporções aterrorizantes que acontecia, neste mesmo tempo, no Rio Grande do Sul.

Sentimento de culpa e uma sensação de confusão. Realidades completamente diferentes, acontecendo simultaneamente, e, de certo modo, ambas estavam presentes em mim.

Embora, daquele momento em diante, eu tenha me sentido fazer parte apenas de uma, a que estava geograficamente distante. E que, com voo marcado, eu logo saberia que não conseguiria chegar e continuaria longe daquele lugar-casa. O tempo parou, vivia-se na repetição. Eu ficaria a distância. Sentimento de impotência, de urgência, de busca por ações e de tentativa de compreensão para o que acontecia. As pessoas queridas que compunham a “roda de chimarrão” estavam em uma realidade de medo e de instabilidade. Buscava por palavras para tentar traduzir aos mais próximos o que estava acontecendo no meu lugar de amor e de tradição. Havia um sentimento de que quem não fosse gaúcho não alcançava o que tentava ser narrado. Hoje, entendo que talvez nem eu estivesse conseguindo alcançar naquele momento. Foram dias de tentativa de costura, por vezes apenas com as linhas e sem a agulha, entre uma realidade concreta em um contexto outro, enquanto o meu pensamento estava imerso na realidade de dentro – da minha origem. Foram dias de uma imersão constante em notícias do Rio Grande do Sul. Foram dias acompanhando o nível do Guaíba em Porto Alegre, e vendo essa paisagem da Orla do Guaíba, tão querida por mim e por tantos porto-alegrenses, invadir a cidade e então o bairro em que eu nasci, e a rua em que eu cresci, e ser tomada por um

sentimento de tristeza. Repetidamente, me vinha outra música em mente, só que apenas uma frase dela: “Há muito tempo que ando nas ruas de um Porto não muito Alegre” e um sentimento de indignação me tomava. E precisei buscar – ou quem sabe resgatar – o restante dela: “que no entanto me traz encantos, e um pôr-do-sol me traduz em versos”. Ufa. Esperança. Tem encantos, e tem povo – que povo! Minhas linhas puderam encontrar agulha e confeccionar algo de costura. A tradição gaúcha que descrevi no início, agora alcançou seu nível mais profundo de compreensão. Porto Alegre a distância é apenas um detalhe geográfico, já que a cidade de Porto Alegre está, e muito, presente em mim. Que sigamos.

Referência às músicas *Porto Alegre é demais* e *Horizontes*.

Camila Caspary Martinez

OLHARES QUE ACOLHEM E SIGNIFICAM

É um sábado pela manhã, acordo e vou ajudar as pessoas que estavam sendo resgatadas no viaduto da Cairú. A atmosfera é de chuva e neblina. Enquanto me aproximava do local, vejo muitas pessoas saindo dos carros e se dirigindo para o viaduto. Pessoas com roupas de mergulho, botas e capas de chuva. Todas andavam com pressa. Durante o trajeto para o viaduto ninguém conversava, mas todos os olhares se encontravam, era um leve cumprimento e um balançar de cabeça, que dava sentido e significado para o que estava por vir. Senti um desejo de compromisso e uma ideia de que

talvez pudesse ajudar um pouco e em alguma coisa.

Primeiramente, enxergo a grande movimentação das pessoas e a água, abundante, nos rodeando. Uma pessoa com megafone orientando algumas ações, já com a voz quase rouca, que anunciava quais eram as demandas e necessidades daquele momento. Identifico os gazebos e começo a me apresentar para as pessoas que ali estavam. As demandas eram variadas, assim como as conversas, copos de água ou café quente, sempre acompanhado de uma escuta atenta, para verificar como seria possível ajudar.

Vivenciei a força da comunidade em construir redes de apoio para acolher e sustentar o outro. Pessoas desconhecidas, que rapidamente estavam articuladas no propósito de ajudar. prontamente, eu tinha meu nome colado com fita adesiva na capa de chuva, enquanto conversava com muitas colegas que chegavam de várias partes do Brasil perguntando como poderiam ajudar. E assim íamos combinando os próximos passos e realizando nosso trabalho.

Conversei com mulheres, homens, crianças, e também me comuniquéi com Paulinho, um cão muito assustado, encharcado, que não deixava seu dono trocar a roupa molhada. Ainda estou elaborando as narrativas e vivências das pessoas resgatadas e dos voluntários.

Este meu texto alterna tempos verbais entre o que vivi e ainda sinto presentemente, quando percebo a importância do estar junto, do olhar e da escuta atentos para a formação de laços, bem como o cultivo da esperança entre as pessoas.

Maria Fernanda S. Hennemann

NUNCA ESQUECER

Passada a fase inicial de resposta ao desastre climático ocorrido em nosso estado, em que as ações eram pautadas na urgência e na corrida contra o relógio para salvar vidas, hoje, quase 40 dias após o início das enchentes, torna-se possível pensar em escrever algo do relato sobre minhas vivências como psicóloga voluntária durante esse período.

Se a escrita necessita um *timing*, este me parece próximo da chamada fase de restabelecimento e reabilitação do desastre.

E acredito que é também neste "segundo tempo" do desastre que se inicia o (difícil e contínuo) processo de elaboração psíquica da experiência traumática, vivenciada pelas pessoas afetadas pelas enchentes. Sabemos, pela

literatura, que a maior parte das pessoas que são vitimadas por desastres não irá desenvolver quadros de doença mental, como TEPT, e encontrará estratégias psíquicas para lidar com a situação. Contudo, lembrando as histórias das pessoas que tiveram suas vidas violentamente arrancadas de si mesmas, sem aviso prévio e permissão, questiono-me por quanto tempo essas cenas de horror permanecerão vivas na mente e na história delas. Será que o tempo psíquico para elaboração desses lutos irá caminhar junto com as exigências da vida no mundo contemporâneo, tão contraditório? Se, por um lado, parece importante que as pessoas vitimadas pelas enchentes possam esquecer do horror vivenciado, para serem capazes de seguir

em frente, pergunto-me se não é indispensável que nós, enquanto coletividade, possamos justamente não esquecer de toda tragédia vivenciada por nosso povo. As memórias necessitam ser mantidas vivas para que a história não se repita. Seremos capazes, então, enquanto sociedade e governos, de não deixarmos que a maior catástrofe natural do nosso estado caia no esquecimento coletivo? Nunca esquecer dessa terrível enchente de maio de 2024 torna-se, além de um ato de respeito e solidariedade com as pessoas afetadas, essencial para que seja possível evoluirmos e melhorarmos nossas respostas humanas e profissionais às novas e atuais ameaças climáticas!

Emanuele Andrezza



**"No meio do
inverno descobri,
dentro de mim, um
verão invencível."**

Albert Camus

Ana Pechansky

Por que a esperança?

Podemos pensar que a Diretoria Científica tem a tarefa de entrelaçar. Entrelaçar pessoas e ideias; público interno e externo; eventos e projetos; teorias e técnica; psicanálise e a diversidade do mundo e da cultura. Laços preciosos na crença de que algo, nestes encontros, se produz.

Entre as temáticas trabalhadas nos diferentes eventos, esperança foi o tema escolhido para a Jornada Anual. Esperança, palavra tão cheia de significados: desde a possibilidade de esperar por alguma coisa até acreditar que algo bom ou desejado pode acontecer, assim como a confiança para seguir em frente.

Esperança inerente à clínica e à transferência, mesmo quando a resistência se impõe. Esperança no encontro e na presença. Esperança para pensar, sentir, desejar, sonhar!

Esperança para viver!

Esperança também nos momentos difíceis! Tínhamos pensado sobre a esperança no fazer psicanalítico e sobre a necessidade dela na vida, porém não imaginávamos que vivenciaríamos uma catástrofe no estado – as enchentes de maio –, ratificando a urgência e a necessidade deste tema. Fomos encharcados de tristeza e desesperança. Os afetos ficaram confusos e suspensos em um tempo que teimava em não passar. Entretanto, a esperança tem como companheiro o futuro, busca um olhar para o possível. Sob essa ótica, também vivemos um tempo de criação e de reconstrução.

Nesse sentido, a ideia da nossa comissão é de tentar proporcionar espaços de interlocução com outras práticas e saberes, vislumbrando uma ampliação do nosso olhar e escopo de ação enquanto Instituição de infância e adolescência que deseja contribuir para um desenvolvimento humano integral. Não é possível pensar em esperança sem olhar para os impactos da ação humana no meio ambiente, do racismo que desubjetiva e mata jovens negros e negras e da violência contra os povos originários. As discussões e reflexões do nosso grupo, que culminam nos eventos científicos, visam buscar formas de reparação e de reconstrução, assim como de prevenção e de criação de novas possibilidades de ser e estar no mundo. Precisamos trabalhar para fomentar respeito, diversidade, diálogo, empatia, consciência social e espaços criativos. Para atingirmos o nosso propósito, buscaremos aprofundar e ampliar o conhecimento psicanalítico, bem como beberemos muito da arte, da literatura, da música e do cinema, que tanto nos enriquecem enquanto seres humanos e sociedade. Sigamos produzindo conhecimento e encontros transformadores!

Giuliana Chiapin, Julia Foster (Diretoras Científicas), Alberto Kerber, Eduarda Berao, Inta Muller, Joana Zuanazzi, Juliana Merello, Laura Sprinz, Maria Eduarda Pacheco Pires, Patricia Cohn, Roberta Iankilevich Golbert (Comissão)

Projeto Bantu: diversidade, equidade e inclusão

Em junho de 2023, formou-se a Comissão de Questões Raciais e Ações Afirmativas do CEAPIA, composta por colegas do curso de formação, estagiários, supervisores, coordenadores de seminário e membros da Direção, que vinham percebendo a importância de pensar a equidade racial na Instituição.

Além disso, já estava sendo observado o apagamento das questões raciais na Instituição em diversos níveis, contrastando totalmente com os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2022: mais de 56% dos brasileiros são negros.

São mecanismos de apagamento como esse que favorecem um grupo racial no lugar de outro e caracterizam o que chamamos de **racismo estrutural**. São atos que, **independentemente da intenção de discriminar, acabam tendo impacto negativo em membros de um determinado grupo**. Essa forma de se estruturar enquanto sociedade é tão forte que acaba se infiltrando no funcionamento das instituições.

Qual é a cor dos terapeutas que atendem crianças e adolescentes em psicoterapia psicanalítica no Brasil? Nas instituições, a maioria é de pessoas brancas. As pessoas negras e indígenas, por questões históricas, não possuem os mesmos acessos que as brancas. Assim, as “bolsas de estudos” ou “cotas raciais” atuam como uma ferramenta para garantir que os espaços estejam mais equilibrados, a partir dessa desigualdade prévia. O letramento racial, que tanto se fala hoje que uma instituição e seus membros devem ter, refere-se a uma **reeducação racial** que busca desconstruir formas de pensar e formas de agir tão naturalizadas e normalizadas socialmente em relação a pessoas não brancas.

Os membros do CEAPIA envolvidos neste projeto consideraram primordial ações institucionais inspiradas em uma educação antirracista para garantir pessoas conscientes, respeitadas, promotoras de igualdade e que percebam o outro na sua própria subjetividade e história. Ter uma instituição mais diversa só pode ocorrer se as pessoas **fazem esse movimento coletivamente**. Assim, em outubro de 2023, foram abertas três vagas para ingresso no Curso de Psicoterapia da Infância e Adolescência via Ações Afirmativas. No início de 2024, foi escolhido um nome para o projeto, denominado “**Bantu**”: uma palavra que, **na matriz africana e para algumas etnias, significa “pessoas”/“povo”**. “Bantu” é também uma língua que deu origem a várias outras línguas no continente africano, referindo-se a **um conjunto imenso de mais de 600 grupos étnicos que povoam a África**. O projeto estuda psicanálise

e raça e examina quais ações institucionais tomar para ter maior equidade racial. A psicanalista Wania Cidade e a psicóloga Kaigang Rejane Pafej têm sido importantes conselheiras desde o início do projeto.

Um dos grandes desafios do nosso tempo é a questão ambiental. Nesse ponto, a população negra também sofre mais: está mais sujeita a viver em locais com falta d'água, esgoto, áreas verdes e ar limpo. E os povos indígenas possuem uma relação muito particular e distinta com os territórios em que habitam. Por isso, retirá-los de certos locais, contaminar rios, demolir morros e abrir estradas é equivalente a matar o próprio povo. Em situações de extremos climáticos, como tivemos aqui no Sul no mês de maio, o racismo ambiental ficou muito evidente. Esse termo,

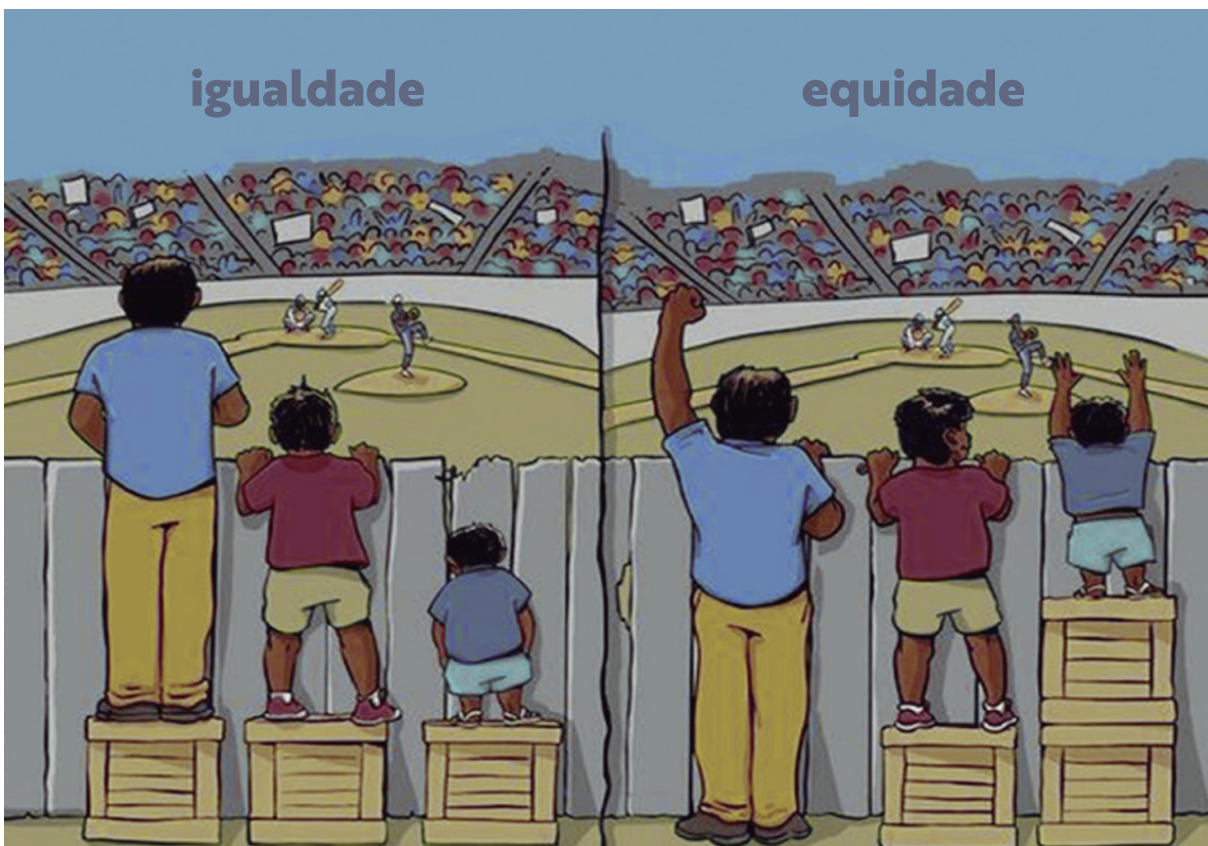
"**racismo ambiental**", foi cunhado nos Estados Unidos por Benjamin Franklin Jr. (líder afroamericano de direitos civis) e vem sendo discutido no Brasil, embora ainda com pouca visibilidade.

Apesar de todos terem direitos iguais, sabemos que, muitas vezes, eles não ocorrem de forma justa. Por isso, uma sociedade com equidade busca corrigir os desequilíbrios que existem, a partir da aplicação correta de direitos fundamentais, como os Direitos Humanos. Para entender o conceito de equidade, a imagem a seguir é um instrumento interessante (fonte: Instituto Singularidades). Três crianças, de diferentes alturas, tentam assistir a um jogo que acontece do outro lado de um muro. Na **igualdade**, cada uma ganha um caixote. Porém, somente duas conseguem ver o jogo. No conceito de

equidade, a criança mais alta não necessita do caixote. Sua altura já é suficiente. Já a mais baixa precisa de dois caixotes.

A igualdade é baseada no princípio que todos devem ser regidos pelas mesmas regras (caixotes iguais). Já a equidade reconhece que não somos todos iguais e que é preciso ajustar este desequilíbrio promovendo acesso para que todos tenham as mesmas oportunidades. A equidade carrega valores humanitários e colabora com o alcance da justiça social. O CEAPIA, através das Ações Afirmativas e do engajamento da promoção da equidade entre seus membros, certamente está contribuindo para o movimento coletivo antirracista, justo e inclusivo.

Marília Krüger e Joyce Goldstein (coordenadoras do Projeto Bantu)



Fonte: Instituto Singularidades.

Trauma: um (E)estado que transborda

“Só a esperança é tão louca, doida varrida, tão alienada que não larga o nosso peito de jeito nenhum. Só a esperança não foi desalojada. Ela se protegeu dentro da solidariedade.”

Fabrizio Carpinejar

Foi-me pedido escrever para o Boletim do CEAPIA acerca das consultorias realizadas envolvendo os casos de violência contra crianças e adolescentes que tenham surgido durante os atendimentos realizados aqui. Sim, tivemos um montante de casos atendidos no CEAPIA envolvendo todos os tipos de violência: física, psicológica, negligência, sexual. Não tenho dados estatísticos pra afirmar se “essas violências” estão aumentando ou se estamos mais capazes de identificá-las, devido aos espaços de fala, estudos e instrumentalização dos profissionais na condução desses casos que nos paralisam, atacam nossa capacidade de pensar e agir terapêuticamente. Talvez os dois.

No entanto, estamos vivendo uma catástrofe no nosso estado que está invadindo e “inundando” a minha capacidade de pensar e, por consequência, escrever sobre as consultorias realizadas. Dei-me conta que essa tragédia mobiliza aquilo que vem do traumático: perplexidade, paralisção, medo, vulnerabilidade, culpa, invasão, desamparo, negação, dissociação e muitos outros sentimentos e sensações que são vividos pelas vítimas de violência e compartilhados pela equipe que atende tais situações. Assim como na enchente, as violências, na sua maioria, invadem o “lugar seguro”. É justamente no lugar onde deveria haver proteção e segurança que a violência, em número expressivo, ocorre: em casa.

Vimos surgir uma rede de solidariedade, pessoas descobrindo recursos emocionais que até então não sabiam que tinham, transformando a dor em ações, capazes de lidar com as adversidades, ou seja, sendo resilientes. É dessa forma também que conseguiremos ajudar as crianças e adolescentes vítimas dessa violência que tanto nos impacta. Precisamos de uma rede de apoio, acreditar na capacidade do sujeito de se refazer psicologicamente após um trauma tão doloroso, resignificando-o através da escuta de um outro, que reconhece e valida a sua experiência traumática.

*Valéria de Araújo Rocha
(coordenadora da Consultoria de Proteção)*

Recomeços

A vida é feita de mudanças e adaptações.

Até o final de 2023, o Corpo Clínico era composto por dois grupos, que, no final do ano passado, foram unificados sob a coordenação das psicólogas Cristina Gerhardt Soeiro de Souza e Camile Fleury Marczyk. Desde então, o grupo vem desenvolvendo sua identidade, pertencimento, estreitando laços que facilitam o trabalho terapêutico através da troca e da contenção em equipe.

O Setor tem recebido um número considerável de pacientes que até este momento foram acolhidos pelos terapeutas Bruno Sperb, Eduarda Berao, Henrique Severo, Mayara Sander e Thanise Weinert, bem como pelo psiquiatra Raimundo Pereira Cardoso Júnior, mais novo integrante do grupo. Existe um desejo em aumentar o número de terapeutas, na esperança de ajudar novos pacientes e suas famílias.

Esperança é acreditar que as adversidades possam ser superadas,

assim ela é sempre bem-vinda e, a cada recomeço, ela se renova dentro de cada um de nós!

Vivemos em tempos de incertezas, preconceitos, violência, guerras e catástrofes naturais, como a que vivemos em nosso estado neste ano de 2024, que exigem de nós recomeçarmos, buscando esperança, mesmo em momentos que pensamos difícil ser de encontrar. Nessa época de relações superficiais, individualismo e materialismo fomentando o desequilíbrio, a

ansiedade e a depressão, torna-se fundamental termos esperança em nosso trabalho psicoterápico, sendo uma grande aliada de pacientes e terapeutas para superar as dificuldades que nos são apresentadas.

O Corpo Clínico recebe casos difíceis, muitas vezes com prognóstico grave, por viverem em famílias disfuncionais e pouco continentas. O modelo de equipe ajuda a lidar com as dificuldades dos casos; trocas de percepções, discussões de casos ajudam na contenção necessária para que o terapeuta possa buscar a esperança para

melhor atender. Contar com o apoio da equipe de profissionais é fundamental para continuar investindo nos casos, por mais difícil que seja a situação, sem perder a perspectiva dos desafios a serem superados. A troca com o grupo fortalece a esperança na melhora do paciente, e esse sentimento é passado, através do tratamento, para ele e seus familiares.

O Corpo Clínico funciona nas sextas-feiras, às 14h, no modelo de round clínico. Terapeutas e psiquiatra discutem, com muito respeito e dedicação, casos de

crianças e adolescentes. O objetivo é que os terapeutas passem os seus casos e a equipe troque impressões, manejos clínicos, técnica, diagnóstico, frequência, evolução e possíveis encaminhamentos.

O Setor está aberto para novos pacientes, terapeutas e estagiários para unirem-se a nós nessa busca de esperança em cada recomeço que o encontro com o paciente nos possibilita.

Cristina Gerhardt Soeiro de Souza e Camile Marczyk (coordenadoras do Setor de Corpo Clínico)

Para agora: reconstrução. Para isso: esperança

“Andávamos tão invernos, que qualquer outono nos fazia acreditar não existir primavera. Mas ouvimos, cá dentro, como uma brisa desprentensiosa: Vai passar. Vocês verão.”

Carolina Meyer Silvestre em Língua-mãe.

E, de repente, o impensável aconteceu.

As chuvas, tão comuns na nossa região, se intensificaram e se espalharam em proporções nunca antes vistas, deixando nosso estado aos prantos e embaixo d'água.

O CEAPIA Social, sempre voltado para auxiliar comunidades vulneráveis, precisou se voltar primeiro para dentro. Tendo como ideia as “máscaras do avião” e tentando seguir no contrafluxo de uma “euforia solidária”, priorizamos, enquanto ação, a segurança dos nossos membros afetados direta e indiretamente e, após ampla organização e entendimento da situação como um todo, mo-

bilizamos ações pontuais com parceiros antigos.

Observando tanto o movimento institucional quanto o da cidade e do estado, vimos o poder do COLETIVO. Vimos comunidades inteiras se envolvendo para ajudar da maneira que fosse possível, no momento possível, com o recurso possível: doando seu tempo, roupas, comidas, ideias, presença, escuta ou oração.

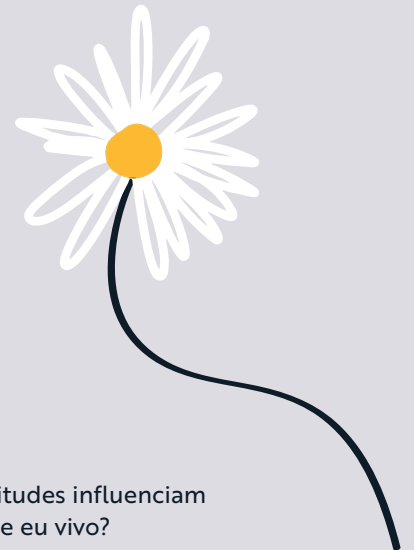
O poder do coletivo contornou preconceitos, ampliou nosso olhar para o outro e para a nossa grande casa: a natureza. Abriu grandes questionamentos: Como o ambiente nos atravessa? O quanto pensamos na nossa responsabilidade social? O quanto

as minhas atitudes influenciam no meio onde eu vivo?

Para agora: reconstrução. Para isso: esperança.

Estamos no fim do primeiro momento de resposta, de garantir resgates e sobreviventes. Resgataremos memórias, dignidade, identidade. Enquanto profissionais da saúde, mais do que nunca, precisaremos doar nossa escuta e espaço interno, nos unir enquanto coletivo para acolher e cuidar de lutos, organizar as ferramentas individuais para que as pessoas resgatem sua autonomia e vitalidade.

Fernanda Amorim e Luísa Steiger (coordenadoras do CEAPIA Social)



A busca por atendimento: uma pulsão de esperança

É através de uma escuta atenta que acolhemos a todos que procuram por nossa Instituição. Enquanto Direção de Atendimento, nos dedicamos àqueles que esperam encontrar alívio emocional. Aos setores que compõem a estrutura do CEAPIA, fornecemos amparo e proteção para que se mantenham em harmonia.

Sabemos que cada encontro com pacientes e familiares vem permeado de esperança e confiança para promovermos suporte e abrigo às crianças e

adolescentes que necessitam de um olhar atento e cuidadoso.

A complexidade da mente humana nos desafia a cada nova demanda, uma vez que somos instigados a contemplar a singularidade de cada indivíduo. Sendo assim, trabalhamos para propiciar um ambiente que contribua ao enriquecimento das potencialidades e de nutrição afetiva. Inundadas de esperança, nos sentimos honradas por estarmos à frente desta Direção.

*Gabriela Luz e Marília Schmidt
(Diretoras de Atendimento)*



Esperando as Esperanças

Maio de 2024. O estado do Rio Grande do Sul foi inundado por uma catástrofe climática. A enchente atingiu mais de 400 municípios, provocando um desastre de proporções inimagináveis. Milhares de pessoas precisaram sair de suas casas. As águas levaram consigo o que havia dentro e fora das pessoas.

Lugares se transformaram em abrigos, os seres humanos se deram as mãos tentando conter um pouco do transbordamento da dor e sofrimento do outro. A Triagem passou a ser de mantimentos, itens de sobrevivência, objetos e utensílios que irão (re)construir a vida daqueles que foram afetados.

Já a nossa Triagem, o nosso Setor, segue como um espaço/abrigo que protege e cuida daqueles que chegam até o CEAPIA. E nesse período não deixaram de chegar. Mesmo com tudo isso, as famílias seguiram apostando nesse espaço de acolhimento. Mantiveram suas triagens já marcadas anteriormente (trocando para modalidade online) para falar de todas as angústias que essa situação despertou, mas também das suas demandas anteriores para busca de atendimento.

Fernanda Amorim e Daniela Lajus (coordenadoras do Setor de Triagem), Ana Paula Krolow, Julia Foster, Juliana Santos, Karla Fonseca, Mariana Santin e Viviane Valmorbida (integrantes)

Sabemos que o impacto psíquico de tudo isso aparecerá ainda mais depois que a água baixar. Sendo assim, continuaremos aguardando, abastecidas de uma escuta atenta, de uma postura viva, de um olhar que dá a mão, para quando as Esperanças chegarem.

Início da vida e novo curso: a beleza dos começos!

Pensar um novo curso é um ato de esperança!

No final de julho de 2024, finalizaremos o I Curso de Técnica em Intervenções Precoces da nossa Instituição, o qual consta de três semestres. Tivemos convidados do CEAPIA e de outras instituições de Porto Alegre, assim como do Rio de Janeiro e de São Paulo. Foi um abraço coletivo em prol da psicoterapia pais/bebê, uma união de pessoas e lugares que trabalham da mesma forma como costumamos atender nossos pacientes. Todos muito entusiasmados nos seminários, trazendo suas importantes experiências ao compartilhar com os alunos do Curso.

No primeiro ano, estávamos muito atentas aos programas e aos convidados, mas mais ainda aos alunos que confiaram na nossa capacidade de construir e desenvolver um curso de tal importância.

Nossa colega Paula Milagre precisou ausentar-se da Coordenação do Seminário de Desenvolvimento em função de seu investimento em estudos. Agora, contaremos com a colega Giuliana Chiapin. Agradecemos imensamente a ela, que nos auxiliou a construir este modelo de Curso e que conduziu seu Seminário de forma impecável.

Agradecemos novamente à gestão da Presidente Anelise Rechia e Patrícia Cohn (2022/2023), assim como às Diretoras de Ensino, Ana Luiza Bittencourt Berni e Letícia Orengo, pelo incentivo em levar essa ideia adiante, bem como por todo o apoio e trabalho para concretizar esse sonho.

O trabalho psicanalítico com o início da vida é de fundamental importância! É um potente campo de trabalho clínico e cada vez com maior demanda.

Em agosto de 2024, começaremos o II Curso de Técnica em Intervenções Precoces, carinhosamente chamado de TIP. Contamos com Eduarda Berao, Mariana Ayres e Mariana Ramos na equipe que nos auxilia, e com um diverso grupo de especialistas convidados. E assim seguiremos trabalhando, com a profundidade do conhecimento, cuidado e afeto, para que a cada três semestres possamos ter uma nova turma.

Giuliana Chiapin e Inta Muller



Quando nasce um bebê, nasce uma esperança



No ano de 2024, o Setor de Intervenções Precoces celebra 30 anos. Foram anos de aprendizado, crescimento e acolhimento de muitos bebês, mães, pais e/ou cuidadores. Os atendimentos realizados pelo Setor têm um enfoque vincular e visam favorecer as interações e facilitar as comunicações entre os bebês e seus cuidadores. Acreditando na importância da abordagem preventiva, o Setor foi sendo reconhecido e valorizado em nossa comunidade.

A técnica da psicoterapia pais-bebê utilizada por nossa equipe resulta da integração de diferentes referenciais teóricos, tais como: B. Cramer, Palácio-Espasa, Golse, D. Stern, R. Debray,

S. Fraiberg, D. Winnicott, Lebovici, Spitz, D. Anzieu, V. Guerra, M. Laznik, entre outros autores que se dedicaram ao estudo das relações primitivas mãe-bebê. Os terapeutas trabalham com o que é encenado na sessão, bem como com os “fantasmas” que provêm do passado dos pais e que estão refletindo no desenvolvimento do bebê. Busca-se compreender e traduzir as comunicações verbais e não verbais entre o bebê e seus pais.

Nós acolhemos essas famílias e, quanto mais cedo esse bebê chegar para atendimento, maiores serão as chances de retomada do desenvolvimento e dos vínculos dessa nova configuração familiar.

O nascimento de um bebê simboliza esperança e renovação, marcando um novo começo e continuidade da vida. A Esperança desempenha um papel crucial no desenvolvimento infantil, influenciando o ambiente em que a criança cresce, o comportamento dos cuidadores e impactando diretamente no bem-estar desta nova família.

Milene Merg e Maria Rita Beltrão (coordenadoras do Setor de Intervenções Precoces), Claudine Genovese, Daniela Cansí, Desirée Trois, Fábíola Alba, Gabriela Filipouski e Mariane Peixoto (integrantes)

Adoção, enchente & esperança

No Setor de Adoção, somos constantemente desafiados a receber e acompanhar crianças e adolescentes traumatizados por perdas, maus-tratos, abusos e negligências, buscando coconstruir possibilidades de recuperação de um caminho na vida que lhes ofereça o resgate dessas faltas primordiais.

Com cada paciente, conhecemos a necessidade de despertar e compartilhar essa esperança – com as novas famílias que se formam, em encontros imprevisíveis, apostando que, apesar de tantas dores, sempre há possibilidades de desfechos favoráveis.

Notícias positivas fortalecem o sentido do nosso trabalho.

Foi assim que, em meio às enchentes no nosso estado, nos reabastecemos com o relato do pai de um de nossos adolescentes, adotado após ter passado por experiências de abandono e devolução. Esta foi a mensagem (áudio) à terapeuta: “Infelizmente diante dessa tragédia, mostrando o enorme poder de transformação que ele vem construindo, participou, como voluntário, do trabalho com crianças, num dos abrigos das enchentes, e passou a coordenar um abrigo de animais! Estou extremamente

orgulhoso de nós, de ti, de todo mundo que fez parte dessa rede de apoio: estou no céu! E esta mensagem é para agradecer! Sempre achei que ia demorar muito mais. Mas nunca desacreditei!”

E é assim que retomamos sempre a esperança em dias mais ensolarados.

Norma Escosteguy e Priscilla Sternberg (coordenadoras do Setor de Adoção), Ana Paula Gonçalves, Felipe Marazita, Emanuele Andrezza, Fernanda Halpern, Joana Zuanazzi, Kátia Mantovani, Karla Fonseca, Luísa Dall'Agnol, Marina Friedrich, Mauro Ferreira, Renata Kreutz e Rosa Lúcia Severino (integrantes)



Ambientoterapia: ressignificando esperanças

A esperança é o fio condutor da Ambientoterapia, uma modalidade de tratamento voltada para crianças de 4 a 12 anos com transtornos psicológicos graves. É comum muitos pais cheguem ao CEAPIA tomados pelo desespero e pela exaustão, após inúmeras tentativas frustradas de tratamento. No entanto, esta modalidade oferece uma nova perspectiva.

Neste ambiente terapêutico, a criança encontra um espaço seguro e acolhedor, onde suas

necessidades emocionais são cuidadosamente atendidas. Com uma equipe especializada, trabalhamos com dedicação para construir um vínculo de confiança e proporcionar experiências que promovam o desenvolvimento saudável e a expressão de sentimentos.

A Ambientoterapia não apenas trata os sintomas, mas também visa à ressignificação das vivências das crianças e de suas famílias, cultivando um espaço de otimismo e transformação.

A cada pequeno avanço, a esperança renasce, revelando novas possibilidades de crescimento e bem-estar para aqueles que antes se sentiam sem saída.

Juliana Garofalo Gonçalves (coordenadora do Setor de Ambientoterapia), Ana Paula de Souza, Bárbara Schilling, Cássia Taiana Cavalheiro, José Ademar Arnold, Laura Fleith e Thanise Weinert (equipe fixa)

Um olhar sobre a esperança de uma terapeuta da comunicação

Quando a comissão responsável pelo Boletim me fez o convite para escrever sobre o tema da esperança no âmbito da terapia fonoaudiológica, não poderia imaginar que, ao sentar para escrevê-lo, o sentimento predominante em mim e acredito, em todos nós, habitantes das terras do Rio Grande do Sul, seria a esperança de dias melhores e da reconstrução de um estado devastado por uma calamidade.

Parece ínfimo e pode soar estranho falar no âmbito de um tratamento específico quando faltam condições básicas na vida de tantas pessoas.

No entanto, o tratamento fonoaudiológico é agente transformador na qualidade de vida das pessoas e, dentro dessa ampla gama de atuação, destaca-se o papel vital da Fonoaudiologia na devolução da esperança a muitos indivíduos que, devido a distúrbios da comunicação, vivenciam desafios em suas aprendizagens, interações sociais e emocionais. No âmbito da Fonoaudiologia, assim como em outros tratamentos, como a psicoterapia, entre tantos, a esperança de uma condição diferente da que trouxe o paciente é intrínseca ao processo terapêutico, pois sem ela, em ambos os lados (o do terapeuta e o do paciente), o tratamento não acontece. A esperança é a força motivadora que estimula o indivíduo a seguir na direção de mudança, que ocorre

sempre a partir de um vínculo que ali se estabelece.

Lembrei de um trecho da música *Principia*, do Emicida, que diz:

*Será tempo o bastante que tenho pra viver?
Eu não sei, eu não posso saber
Mas enquanto houver amor, eu mudarei o curso da vida*

Ela fala da esperança, do vínculo, do amor, da transformação, e que serve como metáfora para o que se passa no espaço terapêutico, mas que também fala no sentimento de um povo sofrido que precisa renascer.

Raquel Brodacz, fonoaudióloga e psicopedagoga (coordenadora do Setor de Fonoaudiologia)



Setor de Atendimento a Pais e os desafios da parentalidade: a esperança num futuro melhor!

A relação entre pais e filhos é complexa e tem influência no desenvolvimento e bem-estar físico e emocional dos indivíduos nela implicados. Entendemos a **parentalidade** como um conjunto de papéis e funções que definem e organizam laços de parentescos e a transmissão de regras e valores de determinado grupo social, **produzindo, invariavelmente, modificações psíquicas profundas** em todos os envolvidos. Isso, por vezes, acarreta dificuldades e irá necessitar de um auxílio terapêutico para se resolver. Preocupações com o desenvolvimento do filho, dificuldades ao lidar com seu comportamento ou mesmo enfrentar situações de crise familiar são exemplos de necessidades que demandam esse auxílio.

Mas os desafios da parentalidade não param por aí, pois os pais se deparam com suas próprias limitações, medos, frustrações e expectativas, influenciando diretamente a relação com os filhos e o desenvolvimento das crianças sob seu cuidado parental.

A busca de tratamento para um filho carrega um sentimento de esperança em uma melhora e, para auxiliar os pais nesta busca, o Setor possui uma escuta implicada com o exercício da parentalidade. Por intermédio de um diálogo sensível e profundo, busca-se criar um espaço mental nos pais para pensar as dinâmicas familiares, as expectativas e os conflitos que surgem no criar e educar uma criança.

Dada a importância dos pais/cuidadores no desenvolvimento de uma criança, a formação de psicoterapeutas da infância e adolescência do CEAPIA inclui, em seu currículo, estudos sobre o tema, procurando aprofundar o conhecimento sobre os processos psíquicos e as mudanças subjetivas que ocorrem nos pais. Da mesma forma, o Setor mantém um espaço constante de estudo, bem como de consultoria a colegas da Instituição e de reuniões semanais de equipe.

Seguimos com esperança no futuro e à disposição!

Tânia Wolff, Andrea Zelmanowicz (coordenadoras do Setor de Atendimento a Pais), Aline Bruschi, Andrea Etzberger, Andrea Nieckele, Gabriela Filipouski, Gicela Hansen (aluna ouvinte), Guilherme Kurtz, Maria Eduarda Pires (aluna ouvinte) – integrantes

A construção de espaços terapêuticos além da terapia familiar

Neste mês de maio, diante da catástrofe sofrida aqui no Rio Grande do Sul, estamos todos conectados com as dificuldades advindas das perdas e do sofrimento das pessoas e famílias, considerando em que medida nós, enquanto terapeutas, poderemos ajudá-los. Pensar as famílias diante dessa situação de desastre ambiental leva-nos ao encontro do conceito de resiliência, o qual pode ser definido

como a capacidade de renascer da adversidade, fortalecido e com mais recursos. Diante de experiências traumáticas, acreditar e reconhecer as potenciais capacidades de superação das pessoas e das famílias pode trazer alento e esperança.

No acolhimento terapêutico a essas famílias, focar mais nos fatores de proteção do que nos de risco pode ser um início

para ajudá-las a visualizar um momento futuro com uma melhor condição de vida. Estimular as famílias a ativarem suas competências e a buscarem conexões com redes de apoio na comunidade civil e/ou religiosa consiste em um trabalho terapêutico que contextualiza a realidade vivida.

Rosa Lúcia Severino (coordenadora da Consultoria de Família)

Acolhimento nos Transtornos Alimentares

O Setor de Transtornos Alimentares do CEAPIA atua no atendimento de crianças, adolescentes e adultos desde 2012, com o intuito de acolher e ajudar o paciente e sua família.

O grupo preza pela compreensão e pelo acolhimento de quem está em sofrimento e necessita de cuidados interdisciplinares. Por isso, conta com uma equipe multiprofissional, com o objetivo de proporcionar um tratamento que propicie a integração mente e corpo.

O Distúrbio Alimentar costuma provocar muito prejuízo na vida dos pacientes e conflitos com

seus familiares. A equipe busca auxiliar o entendimento do quadro para expandir e fortalecer a rede de apoio.

É importante ressaltar que o tratamento dos Transtornos Alimentares não ocorre de maneira linear, ou seja, são esperadas fases de recaídas e pioras. Cabe ao grupo compreender e tolerar tal situação, colaborando para a ressignificação do momento.

Clarissa Z. Gralha (coordenadora do Setor de Transtornos Alimentares), Raquel Manfro, Rodrigo Gabbi Polli, Júlia Homrich Jaskulski, Júlia Huber e Ana Paula Portela (integrantes)

A esperança acompanha o Setor de Transtornos Alimentares. Acreditamos na capacidade do indivíduo de vincular-se e ter novas experiências emocionais alicerçadas na constância e confiança.

A esperança na Avaliação Psicológica

O Setor de Avaliação Psicológica, ao refletir sobre o tema da nossa Jornada de 2024, "Esperança", levantou algumas questões vivenciadas no nosso dia a dia de trabalho relacionadas a ele. O significado dessa palavra inclui o ato de esperar alguma coisa, mas pode ser também um sinônimo de confiança e de acreditar que alguma coisa muito desejada irá acontecer.

Em toda busca por uma avaliação, para além das questões técnicas, sempre recebemos juntamente uma expectativa e/ou esperança por parte dos familiares, para dar um senti-

do aos sintomas das crianças e adolescentes e por elucidações sobre os seus sofrimentos. Por vezes, também temos que acolher crenças em resultados que não serão alcançados; por outras, nosso trabalho pode ajudar a recuperar uma esperança que já estava esmorecida.

Viviane Amaro da Silveira, Mariana Santin (coordenadoras do Setor de Avaliação Psicológica e Orientação Profissional), Paula Pecis, Cristiane Feil, Milene Merg, Cíntia Berriel, Patrícia Sanberg, Júlia Raskin, Alberto Kerber, Viviane Valmorbida e Grasiela Cecatto (integrantes)

Como avaliadores, estamos sempre empenhados em promover a esperança no caminho do desenvolvimento. Buscamos integrar as suas informações de vida pregressa e atual e apontar caminhos que possam amenizar o sofrimento, destacando os melhores recursos de cada criança avaliada, focando no sentido do seu potencial.

A Psicopedagogia e a esperança: um caminho para o futuro

A Psicopedagogia é essencial na educação, dedicada a compreender e intervir nas dificuldades de aprendizagem, promovendo um processo contínuo de descobertas e crescimento.

A esperança é crucial na Psicopedagogia, representando a crença de que mudanças positivas são possíveis. Com o uso de estratégias certas e apoio adequado, todos podem alcançar seu máximo potencial, motivando e fortalecendo os estudantes e suas famílias a enfrentar desafios com resiliência e determinação.

A aprendizagem é uma jornada contínua, fundamental para a adaptação em um mundo em constante evolução, e a capacidade de aprender e se reinventar é imprescindível para enfrentar os desafios futuros. A esperança está ligada ao po-

tencial de cada indivíduo para evoluir, superar obstáculos e alcançar novos horizontes.

A Psicopedagogia oferece ferramentas para uma aprendizagem significativa e duradoura. Ao criar um ambiente de apoio, prepara o indivíduo para o amanhã, permitindo que suas habilidades e talentos floresçam. Assim, a Psicopedagogia não apenas ensina e apoia, mas também inspira, oferecendo um farol de esperança para um futuro promissor.

Bárbara Schilling e Kátia Mantovani (coordenadoras do Setor de Psicopedagogia)

Atos de esperança

O processo de formação acadêmica é, sem dúvida, um ato de esperança. No Núcleo de Estudantes, temos a oportunidade de acompanhar futuros psicólogos que reconhecem no CEAPIA um espaço frutífero para seu crescimento pessoal e profissional. Conhecer modelos inspiradores, participar de momentos de estudo, organizar uma Jornada

para apresentação de suas produções, escolher comentaristas para enriquecerem seus escritos, compartilhar inquietações sobre o ser estagiário: vivenciamos com um grupo sempre em movimento as mais diversas possibilidades de construção individuais e coletivas.

Lidamos, assim, com as esperanças: de futuros profissionais

que se descobrem enquanto tal, da nossa Instituição que se renova a cada novo encontro, de que as trocas no CEAPIA possam reverberar positivamente para cada um que compõe o Núcleo.

Priscilla Sternberg e Juliana Santos (coordenadoras do Núcleo de Estudantes)



Sustentando ancoragens diante do desamparo: a pesquisa como ferramenta de esperança na clínica

A Comissão de Pesquisa do CEAPIA se propõe a pensar sobre questões da Instituição e como esta pode transformar-se de acordo com as mudanças da nossa sociedade. Promove um olhar para discussões que merecem a devida atenção, como o racismo, que estiveram à margem e que podem ser colocadas em protagonismo. Implicando a Instituição e seus atores para pensar ações a partir disso, tem-se um espaço potente.

Em situações de emergência e calamidade pública, como a pandemia do Covid-2019 e assim como nas enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul a partir

de maio de 2024, a Comissão é acionada para pensar, encontrar sentido e embasar a condução de ações práticas na Instituição. Poder condensar dados, levantar hipóteses e analisar os resultados auxiliam a dar forma e nome a uma experiência até então marcada pelo não representável.

O que conduz esse processo é a esperança de pensar em diretrizes para agir, ancoradas teórica e tecnicamente.

Luísa Mello, Helena Riter (Diretoras de Pesquisa), Ana Paula Krolow, Betina Strassburger, Mariana Wiehe, Roberta Golbert e Thais Corrêa (Comissão)

A pesquisa sempre se renova, em consonância com o contexto da sociedade e da cultura inseridos. É um lugar que se permite olhar para as questões, problematizar e, então, agir em prol de proporcionar esperança e amparo para aqueles que estão implicados, mesmo em momentos de desamparo.

Reflexos possíveis na Revista para 2024

A edição deste ano de nossa Revista do CEAPIA está em construção. Tínhamos, no momento em que escrevemos estas palavras, quase vinte artigos submetidos e já em avaliação anônima por nossos pareceristas. Mas eis que, nesses dias sombrios de maio de 2024, uma catástrofe sem precedentes assolou nossa cidade e nosso estado. Sabemos, no entanto, que não se trata de um evento local ou isolado. As mudanças climáticas em curso

parecem colocar em xeque nosso modelo de civilização, com impactos ainda difíceis de compreender em nosso psiquismo.

Diante desse cenário, refletimos: é possível seguir produzindo conhecimento, em nossa área, à margem das questões climáticas e de nossa relação com o meio ambiente? Como as produções do CEAPIA e, portanto, de nossa revista podem contribuir para a compreensão dos fenômenos

em curso? Com essas e outras questões em mente, faremos um convite aos colegas ceapianos, nos diversos setores, para saber como a Revista, já na edição de 2024, pode ser um espaço de reflexão e, talvez, de esperança, que inclua aspectos das tragédias que vivemos neste ano.

Bruno Sperb (Editor da Revista Publicação CEAPIA), Ana Paula Krolow, Cristina Horta e Roberta Macheimer (Comissão)

A Escrita de um Encontro: Trabalho Destaque da Jornada Interna 2023

Receber o prêmio de Trabalho Destaque de 2023 foi uma grande alegria. Como aluna do curso, ter o trabalho anual reconhecido na minha chegada ao CEAPIA é uma honra. Com o título "Uma elefanta machucada: o abuso sexual infantil e a construção de um objeto intrapsíquico sobrevivente", o trabalho revisita concepções de Sigmund Freud e de Sándor Ferenczi sobre o trauma, assim como explora ideias de Donald Winnicott e de Jan Abram acerca da sobrevivência do objeto. Além

disso, também aborda a teoria de Anne Alvarez sobre a clínica com sujeitos abusados, visando construir possibilidades do fazer psicanalítico. A escrita se propõe à articulação teórico-clínica e trata do percurso de psicoterapia de uma menina gravemente traumatizada, que pôde, em tratamento, encontrar um espaço de cuidado.

Alessandra Fante (aluna do segundo ano do Curso de Psicoterapia da Infância e da Adolescência do CEAPIA)

O caso clínico apresentado traduz o encontro entre uma paciente abusada e uma psicoterapeuta esperançosa de que, dentro de uma criança dita "terrível", havia uma menina cheia de recursos, capaz de amar.



Palavras escritas

O que podemos fazer pela produção de transmissão do conhecimento na psicanálise?



Escrevemos esta reflexão em maio de 2024, cerca de quatro anos após o início da pandemia e no contexto das trágicas enchentes que devastaram o Rio Grande do Sul. Esses eventos nos levam a considerar questões que transcendem a nossa clínica e até mesmo a nossa existência, tais como: o que podemos fazer para preservar o conhecimento gerado durante momentos tão desafiadores?

Durante esses cenários, é frequente nos envolvermos em discussões profundas e complexas nas instituições de psicanálise. No entanto, infelizmente, muitas dessas reflexões acabam

limitadas a esses encontros, não se refletindo na produção escrita e se perdendo com o tempo. Além disso, em alguns trabalhos escritos, embora grandes autores sejam citados, as contribuições recentes dos colegas sobre o assunto costumam ser negligenciadas. Tais questões podem prejudicar a construção coletiva e honesta do nosso conhecimento, dificultando que um leitor compreenda como chegamos às nossas reflexões e conclusões. Diante da importância das nossas produções escritas, é fundamental que as instituições valorizem e orientem seus frequentadores sobre como utilizar

espaços como bibliotecas institucionais e revistas. São nelas que nossos trabalhos poderão ser acessados hoje e em 10, 20, ou 80 anos, representando uma parte significativa do legado que deixamos para a integração das próximas produções e gerações. Por fim, é crucial lembrar que fazemos parte tanto do presente quanto do futuro da psicanálise, e é nosso dever zelar pelo conhecimento que produzimos!

Cristina Lessa Horta e Roberta Stefanini Machemer (membros do Conselho da Revista e Editoras da Revista Publicação CEAPIA do ano de 2023)

Palavras cantadas

Cantando, tudo fica mais fácil

A alegria individual de cantar: em casa, no cotidiano, transformou-se numa alegria coletiva quando, há mais de dez anos, surgiu o Grupo Vocal do CEAPIA. Grupo pequeno, hoje com sete cantoras, fruto do encontro despretensioso de se fazer música dentro das paredes da Instituição. Com o passar do tempo, o grupo aumentou pouco em número, mas muito em desejo. Mais ensaios, mais músicas. "Vamos chamar um maestro?", alguém sugeriu, e assim o grupo foi se expandindo e fortalecendo.

A reunião de colegas foi demonstrando, então, que, para além da estética ou da forma, a música traz conforto e esperança. E a música vocal de uma maneira

ainda mais pungente, porque há a palavra, a poesia, que assume outro significado quando sublinhadas pelo desenho melódico da canção. Essa palavra cantada nos atinge a todos. Ao público, que se surpreende assistindo colegas expressarem-se através da voz e, não menos, atinge o próprio grupo, ensaiado para a apresentação, mas sempre e cada vez mais, conectado com a esperança de que dê tudo certo. O que nem sempre acontece.

O que acontece, inadvertidamente, é que o eventual erro da apresentação passada (que só o grupo sabe) traz a expectativa da próxima. O anseio de encontrar novas canções, novas palavras

para o próximo fazer musical. Assim, o Grupo Vocal do CEAPIA segue pelos anos: encontrando a esperança através da música ao vivo, superando os limites de um amadorismo apaixonado e conectando uma comunidade pelo simples soar da palavra embalada pela melodia.

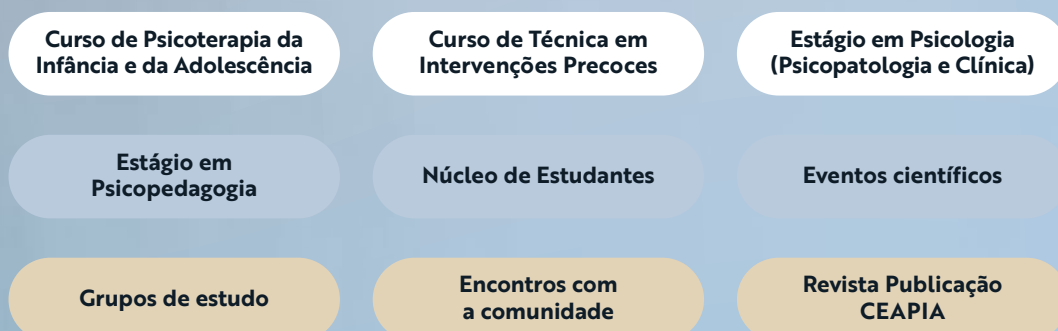
O Grupo Vocal do CEAPIA está sempre aberto a novos participantes. Venha cantar conosco!

Ricardo Barpp (cantor lírico, professor de música e orientador do Grupo Vocal CEAPIA), Adriana Ribas, Caroline Milman, Lúcia Rubim, Luciana Grillo, Maria Jorej, Maria Fernanda S. Hennemann e Patrícia Cohn (integrantes)

Serviços de atendimento do CEAPIA



Serviços de formação profissional e ensino do CEAPIA



Programa da Jornada 2024

12/09

Quinta-feira

19h30-21h30 – Temas livres (online)

13/09

Sexta-feira

14h – Credenciamento

14h15 – Abertura

Luciana Gouvêa Oliveira (Presidente do CEAPIA, SPPA) e Giuliana Chiapin (Diretora Científica do CEAPIA, SBPdePA)

14h30 às 16h

Mesa 1 – Ciência e pesquisa em psicanálise: possibilidades de criação e elaboração

Denise R. Bandeira (Psicóloga – GEAPAP/UFRGS)
Camila Alves (Psicóloga – PUCRS)
Márcia P. Schaefer (Psicóloga – UNIFTEC/ESIPP)
Coordenação: Luísa Mello (Psicóloga - CEAPIA)
Secretário: Alberto Kerber (Psicólogo - CEAPIA)

16h às 17h30

Mesa 2 – O tempo da psicanálise: um ofício (im)possível?

Marcelo Viñar* (Psicanalista – APU)
Norma Escosteguy* (Psiquiatra – CEAPIA e ABP)
Fernando Kunzler (Psicanalista – CEAPIA e SBPdePA)
Coordenação: Lisiane Cervo (Psicanalista – CEAPIA e SBPdePA)
Secretária: Renata Axelrud (Psicóloga – CEAPIA)

17h30 – 17h45

Intervalo com apresentação do Grupo Vocal CEAPIA

Integrantes: Patrícia Cohn, Caroline Milman, Maria Jorej, Lúcia Rubim, Adriana Ribas, Maria Fernanda S. Hennemann e Luciana Grillo
Diretor Musical: Ricardo Barpp

17h45 às 19h15

Mesa 3 – Letramento racial: uma ferramenta de transformação

Joyce Goldstein (Psicanalista – CEAPIA e SPPA)
Tiasmin Ohnmacht (Escritora e Psicanalista)
Luiz Maurício Azevedo* (Crítico Literário e Pesquisador)
Coordenação: Luciane David (Psicanalista – CEAPIA)
Secretário: Alberto Kerber (Psicólogo – CEAPIA)

19h15 às 19h45 – Coffee break

19h45 às 21h15

Mesa 4 – A esperança do encontro e o encontro da esperança

Aline Pinto (Psicanalista – SBPdePA e CEPdePA)
Beatriz Behs (Psicanalista – CEPdePA e SBPdePA)
Decio Gurfinkel* (Psicanalista – Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae – SP)
Coordenação: Inta Muller (Psicanalista – CEAPIA e CEPdePA)
Secretária: Julia Foster (Psicóloga – CEAPIA)

14/09

Sábado

09h às 10h30

Mesa 5 – Caso Clínico (exclusivo para Membros do CEAPIA)

Apresentadora: Luísa Dall'Agnol (Psicóloga - CEAPIA) - Setor de Adoção CEAPIA
Comentarista: Maria Lucrécia Zavaschi (Psicanalista – SPPA)
Coordenação: Letícia Orengo (Psicóloga – CEAPIA e SPPA)
Secretária: Joana Zuanazzi (Psicóloga – CEAPIA)

10h30 às 11h – Coffee break

11h às 12h30

Mesa 6 – Entre turbulências e possibilidades: a experiência/esperança adolescente

Maria Cristina Bressani (Psicóloga – CEAPIA)
Lucas Souza* (Atleta, Técnico e Educador Social)
Luciane Paim (Psicóloga e Pesquisadora)
Coordenação: Ana Luíza Berni (Psicóloga – CEAPIA e CELG)
Secretária: Eduarda Berao (Psicóloga – CEAPIA)

12h30 às 14h – Almoço

14h às 15h30

Mesa 7 – Natureza e Desastres: tramas e traumas

Gisele Cervo (Psicóloga – CEAPIA)
Jaqueline Sordi (Bióloga e Jornalista)
Ana Lizete Farias* (Psicanalista e Geóloga)
Coordenação: Marília Santos Krüger (Psicóloga – CEAPIA e SBPdePA)
Secretária: Joana Zuanazzi (Psicóloga – CEAPIA)

15h30 às 17h

Mesa 8 – O humano e a arte de esperar

Ana Rita Taschetto (Psicanalista – CEAPIA e SPPA)
Brian Baldrati* (Fotógrafo e Criador de Conteúdo)
Giulia Baptista (Artista e Professora)
Coordenação: Caroline Milman (Psicanalista – CEAPIA e SBPdePA)
Secretária: Eduarda Berao (Psicóloga – CEAPIA)

17h – Encerramento e premiação Temas Livres





Endereço: Rua Coronel Bordini, 434 – Porto Alegre, RS / **Telefone:** (51) 3343-6490
Site: ceapia.com.br / **E-mail:** ceapia@ceapia.com.br / **Instagram:** @ceapiars